

## **ÉDIPO REI**

## CLÁSSICOS ZAHAR

em EDIÇÃO BOLSO DE LUXO

A Bela e a Fera\*

*Madame de Beaumont, Madame de Villeneuve*

Alice

*Lewis Carroll*

Sherlock Holmes (9 vols.)

*Arthur Conan Doyle*

As aventuras de Robin Hood

O conde de Monte Cristo

Os três mosqueteiros

*Alexandre Dumas*

O corcunda de Notre Dame

*Victor Hugo*

O ladrão de casaca\*

Arsène Lupin contra Herlock Sholmes\*

*Maurice Leblanc*

Contos de fadas

*Perrault, Grimm, Andersen & outros*

Rei Arthur e os cavaleiros da Távola Redonda

*Howard Pyle*

Os Maias

*Eça de Queirós*

O pequeno príncipe\*

*Antoine de Saint-Exupéry*

Títulos disponíveis também em edição comentada e ilustrada  
(exceto os indicados por asterisco)

Veja a lista completa da coleção no site [zahar.com.br/classicoszahar](http://zahar.com.br/classicoszahar)

SÓFOCLES

# ÉDIPO REI

Tradução:

MÁRIO DA GAMA KURY

Apresentação:

ADRIANE DA SILVA DUARTE

Copyright da tradução © Mário da Gama Kury

Tradução originalmente publicada em 1990

Copyright desta edição © 2018:

Jorge Zahar Editor Ltda.

rua Marquês de S. Vicente 99 – 1º | 22451-041 Rio de Janeiro, RJ

tel (21) 2529-4750 | fax (21) 2529-4787

editora@zahar.com.br | www.zahar.com.br

Todos os direitos reservados.

A reprodução não autorizada desta publicação, no todo

ou em parte, constitui violação de direitos autorais. (Lei 9.610/98)

Grafia atualizada respeitando o novo

Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

Revisão: Frederico Hartje, Tamara Sender

Projeto gráfico: Carolina Falcão

Capa: Rafael Nobre

CIP-Brasil. Catalogação na publicação

Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

---

S664e Sófocles  
Édipo rei/Sófocles; tradução Mário da Gama Kury; apresentação Adriane da Silva Duarte. – 1.ed. – Rio de Janeiro: Zahar, 2018.

(Clássicos Zahar)

Tradução de: Oedipus Rex

ISBN 978-85-378-1736-0

1. Teatro grego (Tragédia). I. Kury, Mário da Gama. II. Título.  
III. Série.

18-47090

CDD: 882

CDU: 821.14'02-2

---

## Introdução

### SÓFOCLES E O ÉDIPO REI

Dentre os poetas trágicos gregos, Sófocles foi o mais clássico, na concepção da crítica antiga que associava essa qualidade à maturidade artística. Assim, o precursor de um novo gênero poético, por exemplo, é ainda tido como primitivo e o último já anuncia sua decadência, mas aqueles que ocupam a posição intermediária detêm plenas condições de realizar seu potencial. O autor do *Édipo rei* é o segundo na tríade dos tragediógrafos gregos, tendo competido ao lado de Ésquilo e de Eurípides nos festivais dramáticos. Aristófanes, na comédia *As rãs*, faz com que Ésquilo confie a Sófocles o trono dos poetas trágicos no Hades, quando deixa o mundo dos mortos em companhia de Dioniso para regressar a Atenas. Também é o poeta mais citado na *Poética*, de Aristóteles, como exemplo de excelência na sua arte.

Essa mesma unanimidade que marca sua obra parece tê-lo acompanhado em vida. Ao contrário de outros poetas, alvos constantes da zombaria dos comediógrafos, Sófocles quase não figura nas comédias. Seu prestígio na cidade pode ser medido ainda pelo fato de, após sua morte, ter passado a receber culto heroico, sob o nome de Dexion. Considerando que os gregos jul-

gavam que somente a morte permitia afirmar a felicidade de um homem – já que, como o mito de Édipo ilustra bem, estaríamos todos sujeitos a qualquer momento a sofrer um revés da sorte –, Sófocles foi um homem afortunado.

Foi também um homem do século V a.C., o qual atravessou de ponta a ponta. Nascido em 496 a.C. em Colono, distrito de Atenas que imortalizou na tragédia *Édipo em Colono*, o poeta testemunhou as invasões persas e, em seguida, a Guerra do Peloponeso. Morto em 406 a.C., pouco após Eurípides, ele ainda teve a sorte de não ver os atenienses capitularem diante dos espartanos dois anos depois. Em noventa anos de vida, serviu à cidade em diversas oportunidades, tendo ocupado os cargos de *hellanotamias* (tesoureiro junto à Liga Délia), estrategista (um misto de chefe militar e chanceler) e próbulo (um conselheiro extraordinário nomeado em períodos de crise). Também participou ativamente da vida religiosa da cidade, sendo o responsável pela introdução em Atenas do culto de Asclépio, filho de Apolo agraciado com o dom da cura e cultuado em Epidauro.

Para nós, entretanto, a reputação de Sófocles não depende desses fatos, mas da sua obra para teatro. Nisto, também, ele foi bem-sucedido. Dentre as suas contribuições para o desenvolvimento da tragédia, Aristóteles ressalta a introdução do terceiro ator, o que permitiu acrescentar mais personagens à trama, e a invenção da cenografia. Sua estreia, em 468 a.C., trouxe igualmente a primeira vitória, fato que se repetiria várias vezes ao longo de sua carreira. Quando não ganhava, Sófocles ficava com

o segundo prêmio – nunca foi classificado em terceiro, e último, lugar. Infelizmente, das cerca de 120 peças que compôs, chegaram-nos inteiras apenas sete: *Ájax*, *As traquínias*, *Antígona*, *Édipo rei*, *Electra*, *Filoctetes* e *Édipo em Colono*. Do drama satírico *Os sabujos*, restaram cerca de quatrocentos versos.

Como revelam os títulos acima, o mito dos labdácidas, os descendentes do rei tebano Lábdaco, é recorrente na obra sofocliana. Embora Sófocles não adotasse o formato sequencial da trilogia de Ésquilo, preferindo inscrever nos festivais dramáticos três tragédias sem vínculo temático, não é raro deparar-se com referências à sua “trilogia tebana”. É assim que tradutores e comentadores modernos nomearam e agruparam as três tragédias remanescentes em que ele trata do mito de Édipo e de seus descendentes: *Édipo rei*, *Édipo em Colono* e *Antígona*. Esse é um roteiro de leitura interessante, desde que se entenda que essa disposição visa apenas à unidade de tema, reunindo peças compostas em momentos diversos da vida do tragediógrafo – entre *Antígona*, a mais antiga, e *Édipo em Colono*, encenada postumamente, o intervalo beira 35 anos.

*Édipo rei* é a tragédia emblemática do teatro grego e, em conjunto com *Romeu e Julieta* e *Hamlet*, de Shakespeare, constitui a peça de teatro mais conhecida da literatura ocidental. Sua reputação cresceu ainda mais depois que Freud tirou o herói do palco e o deitou no divã, nomeando a partir dele o complexo que descreve a atração que todo filho sente em algum momento por sua mãe. É preciso, no entanto, distinguir o Édipo freudiano do

sofocliano. À ignorância, e não ao inconsciente, devem-se creditar as ações do herói, que consoma o casamento com Jocasta, sua mãe, desconhecendo o vínculo de parentesco que os une. É isso justamente que torna a história de Édipo paradigmática, pois, em vista de seu conhecimento limitado e limitante, os homens estão condenados a tatear na escuridão.

Antes de passar à peça, é preciso chamar a atenção para a denominação que tradicionalmente recebeu. Conhecida como *Édipo rei*, em grego a tragédia intitula-se *Édipo tirano*. Isso se explica porque, com o tempo, tirano tornou-se um termo pejorativo, denotando o exercício ilegítimo e cruel do poder, de modo que associá-lo ao herói produziria prévia antipatia. Entre os gregos, no entanto, tirania designava, sobretudo, o poder não dinástico, sendo que, muitas vezes, o tirano era tido como benfeitor das classes menos favorecidas da população. Esse é o caso de Édipo, que ascende ao trono tebano por mérito e não por direito sucessório – muito embora a tragédia termine por revelar que aquele a quem consideravam tirano era na verdade rei, já que nascera de Laio e Jocasta, monarcas de Tebas. Deve-se notar ainda que, embora então um tirano não correspondesse ao estereótipo que dele hoje se faz, já se percebia que a instabilidade no poder natural em sua condição o tornava mais sujeito a atitudes autocráticas e violentas. Esses traços, bem como o de protetor do povo, estão bem marcados na caracterização do Édipo de Sófocles.

No início da peça, Édipo está instalado em Tebas como seu governante. É amado e respeitado pelo povo, representado pe-



los anciãos do coro, gratos a ele por ter livrado a cidade da Esfinge. A Esfinge, monstro alado com cabeça de mulher e corpo de leão, propunha o seguinte enigma aos que queriam sair ou entrar na cidade, devorando os que não o decifrassem: qual é o único ser que de manhã anda com quatro pés, à tarde, com dois e à noite, com três? Só Édipo soube que a resposta era o homem, que em bebê engatinha sobre os quatro membros, adulto anda sobre suas próprias pernas e, na velhice, apoia-se em um bastão, o terceiro pé. O monstro, vencido, atira-se num abismo e morre, mas, como bem notaram os grandes estudiosos do imaginário grego Jean-Pierre Vernant e Pierre Vidal-Naquet, o enigma persiste incorporado à estrutura da peça.\* O herói, como prêmio por sua sagacidade, conquista o trono tebano e a mão da rainha Jocasta, então viúva. No entanto, após anos de calmaria, a cidade volta a ser confrontada com uma nova charada, posta desta vez sob a forma da peste, que dizima a população e rebanhos. Na cena inicial, o coro suplica a Édipo que mais uma vez salve a cidade.

Édipo caracteriza-se pela pronta ação. Assim, quando sua intervenção é solicitada, ele já havia tomado a iniciativa de enviar a Delfos Creonte, seu cunhado, em busca de um oráculo que esclarecesse as razões da peste. É preciso entender que os gregos associavam a irrupção de doenças ao descontentamento

---

\* Vernant, J.-P. e P. Vidal-Naquet. "Ambigüidade e reviravolta. Sobre a estrutura enigmática do Édipo rei", in *Mito e tragédia na Grécia antiga*. São Paulo: Duas Cidades, 1977, p.83-111.

divino, e Delfos era a sede do maior santuário de Apolo, onde sua palavra profética se fazia ouvir por meio de uma sacerdotisa. Foi lá que, anos antes, Édipo ouviu aterrorizado que mataria o pai e desposaria a mãe, fato decisivo para afastá-lo de Corinto, cidade que então considerava sua terra natal, e colocá-lo no caminho de Tebas. Desta vez, o oráculo revela que a peste se devia à impunidade de um antigo crime: o assassinato de Laio, predecessor de Édipo no trono, jamais fora esclarecido, e nem seu assassino punido.

Imediatamente Édipo toma para si a investigação. O fato de ter desvendado sozinho o enigma da Esfinge lhe confere uma autoconfiança perigosa, que beira a arrogância. Isso fica claro na sua entrevista com Tirésias, o respeitado adivinho tebano. A entrada de Tirésias em cena é impactante, reavivando o antigo enigma das três idades do homem: o velho cego, apoiado em seu bastão, guiado por um menino, diante do maduro Édipo. A imagem de Tirésias também antecipa o que Édipo se tornará ao final da peça: um cego cheio de dolorosa sabedoria.

Convocado por sua clarividência a contribuir com a apuração dos fatos, Tirésias silencia. Édipo supõe que o adivinho cala ou por ser charlatão ou por ocultar os criminosos. Afrontado, Tirésias lhe diz o que tentava esconder: Édipo é o assassino procurado. A indignação faz com que o tirano perca o controle e acuse-o de estar a serviço de Creonte, interessado em tomar-lhe o poder. O profeta adverte Édipo que o responsável logo será descoberto: julgam-no estrangeiro, se mostrará tebano; enxerga,

mas perderá a visão; de rico passará a miserável e partirá para o exílio; e, pior, vai se revelar pai e irmão de seus filhos, marido e filho de sua mãe e assassino de seu pai. Essa fala, situada no primeiro terço da peça, poderia dar a questão por encerrada, já que elucida a identidade do criminoso e todas as implicações de seu ato, mas, diante da certeza que Édipo tem de estar sendo vítima de uma intriga palaciana, ela é ignorada. Mesmo para o coro as acusações não fazem sentido, já que a essa altura da peça Édipo é considerado filho dos reis de Corinto. Instaura-se um conflito entre as dimensões religiosa e política da tragédia em que, num primeiro momento, a instância política, representada pelo soberano, leva a melhor.

Segue-se uma discussão acalorada com Creonte, em que Édipo o acusa diretamente, mesmo sem quaisquer indícios de sua culpa. Jocasta intervém e, ao saber que o motivo da briga são as palavras de Tirésias, tenta tranquilizar o herói. As profecias não são dignas de fé, diz ela. Conta, então, como Laio mandou abandonar à morte seu filho recém-nascido devido ao vaticínio de que a criança, ao crescer, mataria o pai. A morte do bebê, contudo, não poupou a vida de Laio, que, anos mais tarde, foi abatido por bandidos numa encruzilhada de estrada. Sendo assim, a predição não se cumpriu, pois, segundo lhe parecia, o filho não sobrevivera para matar o pai.

Como é característico desta tragédia, a nova informação, que deveria proporcionar alívio, se mostra uma razão a mais de inquietação. Édipo lembra que, alguns anos antes, a caminho

de Tebas, enfrentara e matara um velho num ponto em que a estrada se trifurca (uma nova alusão às três idades do homem constantes do enigma da Esfinge?). Teria Tirésias falado, ainda que parcialmente, a verdade? De acordo com o relato da única testemunha que escapou, Laio fora atacado por bandidos, no plural, e ele estava sozinho. Então, é preciso confrontar esse homem e eliminar a dúvida.

Enquanto isso, um mensageiro chega de Corinto para anunciar a morte de Pôlibo, o rei e suposto pai de Édipo. O herói vê nisso um sinal de esperança: o pai morrera e não fora ele o culpado, então o oráculo falhara. Mesmo assim, ele ainda teme o leito da mãe. O mensageiro o acalma, revelando-lhe que a rainha de Corinto não é sua mãe biológica: ele fora adotado. Para Édipo a questão central agora deixa de ser “quem matou Laio?” e passa à mais urgente “quem sou eu?”. Há um pastor tebano, diz o mensageiro, que sabe a resposta, pois fora ele quem, no início de tudo, entregara o menino abandonado, pendurado pelos pés, ao seu colega coríntio. Essas duas questões, que estão no cerne do romance moderno – quem fez?, quem sou? –, conferem à tragédia de Sófocles um interesse perene.

Jocasta decifra esse novo enigma, cuja solução também remete à charada da Esfinge, já que novamente os pés têm a resposta. Édipo, cujo nome significa “o de pés inchados”, porque fora amarrado pelos tornozelos quando abandonado nas montanhas, é o homem que embaralha a sequência das gerações ao se tornar pai e irmão dos seus filhos, filho e marido de sua mãe, si-

multaneamente. Para Jocasta é evidente que o homem com quem se casara é o filho que tivera de Laio. Assim, ela tenta dissuadir o herói de prosseguir na investigação. Ele, no entanto, não a escuta, imaginando que no fundo a rainha receasse descobrir ter desposado não o filho de reis, mas o de escravos. Silenciosamente, então, ela entra no palácio para pôr fim à própria vida.

A verdade vem à tona para Édipo no confronto entre as duas testemunhas-chave, o Mensageiro de Corinto e o Pastor tebano, que também era quem acompanhava Laio no dia de sua morte. Como Tirésias, o Pastor se recusa a colaborar, mas é forçado a fazê-lo. Agora Édipo finalmente sabe quem é: o filho que não deveria ter nascido, o marido de quem não devia ter desposado e o assassino de quem não devia ter matado. Resta-lhe cegar os olhos – pois lhe é insuportável encarar o olhar dos demais –, cumprindo assim a profecia de Tirésias, e partir para um exílio a que ele mesmo havia condenado o assassino de Laio.

Bernard Knox, no seu magistral estudo da tragédia, destaca que *Édipo rei* não é uma peça fatalista, em que o destino se sobrepõe ao homem.\* O herói de Sófocles é senhor de suas ações, muitas vezes se indispondo com os demais para implementá-las e assumindo total responsabilidade por seus atos. As profecias não são mais do que o pretexto para o essencial: a descoberta da identidade de Édipo, processo que ele conduz inexoravelmente, enfrentando a oposição de várias personagens, que se recusam

---

\* Knox, B. *Édipo em Tebas*. São Paulo: Perspectiva, 2002.

a colaborar com ele. Graças à sua iniciativa, a verdade é restabelecida.

Por singular que nos pareça, aos olhos do coro a situação de Édipo é, no entanto, paradigmática. Ninguém está livre de passar pelo que ele passou, pois o homem vive na ignorância. Na *Poética*, Aristóteles cita Édipo como exemplo de herói trágico, do homem que não é todo virtude, nem todo maldade, mas cujo infortúnio decorre de um erro involuntário (*hamartia*). O erro de Édipo não se caracteriza enquanto falta moral, antes é uma falha intelectual: a certeza de ter a chave de todos os mistérios o impede de decifrar o mais elementar de todos, o enigma de sua existência. Sintomaticamente, no templo de Apolo em Delfos, de onde partiram os três oráculos que embasam a ação da peça, está inscrita a frase “Conhece-te a ti mesmo”.

A peça termina sem redenção possível. Ela só virá no *Édipo em Colono*, drama póstumo, em que Sófocles promove a purificação do herói em Atenas, onde será sepultado, trazendo os benefícios advindos de seu culto para a cidade que no teatro lamentou seus males.

ADRIANE DA SILVA DUARTE

---

Adriane da Silva Duarte é professora de língua e literatura grega na USP, onde defendeu mestrado e doutorado sobre comédia grega. É autora, entre outros, das traduções das comédias *As aves*, *Lisístrata* e *As tesmoforiantes*, de Aristófanes, e dos livros *O dono da voz e a voz do dono: a parábase na comédia de Aristófanes* e *Cenas de reconhecimento na poesia grega*, além do infantil *O nascimento de Zeus e outros mitos gregos*.

# ÉDIPO REI

Época da ação: idade heroica da Grécia

Local: Tebas

Primeira representação: 430 a.C., em Atenas (data aproximada)

### **PERSONAGENS**

ÉDIPO, rei de Tebas

JOCASTA, mulher de Édipo

CREONTE, irmão de Jocasta

TIRÉSIAS, velho adivinho

SACERDOTE

MENSAGEIRO de Corinto

PASTOR

CRIADO do palácio

CORIFEU

CORO de anciãos tebanos

### **FIGURANTES MUDOS**

MENINO, guia de Tirésias

SUPLICANTES

CRIADOS E CRIADAS



## **CENÁRIO**

Praça fronteira ao palácio real em Tebas. Ao fundo, no horizonte, o monte Citéron.

Em frente a cada porta do palácio há um altar. Sobre os altares veem-se ramos de loureiro e de oliveira trazidos por numerosos tebanos, ajoelhados nos degraus dos altares como suplicantes.

No meio deles, em pé, vê-se um ancião, o SACERDOTE de Zeus. Abre-se a porta principal do palácio. Aparece ÉDIPO, com seu séquito, que se dirige aos suplicantes em tom paternal.

Queima-se incenso nos altares.

## PRÓLOGO, Cena 1

**ÉDIPO**

Meus filhos, nova geração do antigo Cadmo,  
por que permaneceis aí ajoelhados  
portando os ramos rituais de suplicantes?  
Ao mesmo tempo enche-se Tebas da fumaça  
5 de incenso e enche-se também de hinos tristes  
e de gemidos. Não reputo justo ouvir  
de estranhas bocas, filhos meus, as ocorrências,  
e aqui estou, eu mesmo, o renomado Édipo.

*Dirigindo-se ao SACERDOTE de Zeus.*

Vamos, ancião, explica-te! Por tua idade  
10 convém que sejas porta-voz de todos eles.

*Dirigindo-se a todos.*

Por que essa atitude? Que receio tendes?  
Que pretendeis? Apresso-me em assegurar-vos  
que meu intuito é socorrer-vos plenamente;  
se não me sensibilizassem vossas súplicas  
15 eu estaria então imune a qualquer dor.

### SACERDOTE

Édipo, rei de meu país, vês como estamos  
aglomerados hoje em volta dos altares  
fronteiros ao palácio teu; somos pessoas  
de todas as idades; uns ainda frágeis  
20 para maiores voos, envelhecidos outros  
ao peso de anos incontáveis já vividos;  
alguns são sacerdotes, como eu sou de Zeus;  
aqueles são a fina flor da mocidade;  
enfim contemplas todo o povo desta terra  
25 presente em praça pública e trazendo ramos  
trançados em coroas, gente rodeando  
os templos gêmeos da divina Palas, onde  
o deus Ismênio profetiza pelo fogo.  
Tebas, de fato, como podes ver tu mesmo,  
30 hoje se encontra totalmente transtornada  
e nem consegue erguer do abismo ingente de ondas  
sanguinolentas a desalentada frente;  
ela se extingue nos germes antes fecundos  
da terra, morre nos rebanhos antes múltiplos  
35 e nos abortos das mulheres, tudo estéril.  
A divindade portadora do flagelo  
da febre flamejante ataca esta cidade;  
é a pavorosa peste que dizima a gente  
e a terra de Cadmo antigo, e o Hades lúgubre  
40 transborda de nossos gemidos e soluços.  
Não te igualamos certamente à divindade,  
nem eu nem os teus filhos que cercamos hoje

teu lar, mas te julgamos o melhor dos homens  
tanto nas fases de existência boa e plácida  
45 como nos tempos de incomum dificuldade  
em que somente os deuses podem socorrer-nos.  
Outrora libertaste a terra do rei Cadmo  
do bárbaro tributo que nos era imposto  
pela cruel cantora, sem qualquer ajuda  
50 e sem ensinamento algum de nossa parte;  
auxiliado por um deus, como dizemos  
e cremos todos, devolveste-nos a vida.  
E agora, Édipo, senhor onipotente,  
viemos todos implorar-te, suplicar-te:  
55 busca, descobre, indica-nos a salvação,  
seja por meio de mensagens de algum deus,  
seja mediante a ajuda de um simples mortal,  
pois vejo que os conselhos de homens mais vividos  
são muitas vezes oportunos e eficazes.  
60 Vamos, mortal melhor que todos, exortamos-te:  
livra nossa cidade novamente! Vamos!  
Preserva tua fama, pois vemos em ti  
por teu zelo passado nosso redentor!  
Jamais pensemos nós que sob o reino teu  
65 fomos primeiro salvos e depois perdidos!  
Não! Salva Tebas hoje para todo o sempre!  
Com bons augúrios deste-nos, na vez primeira,  
ventura até há pouco tempo desfrutada.  
Mostra-te agora igual ao Édipo de outrora!  
70 Se tens de ser o governante desta terra,

que é tua, é preferível ser senhor de homens  
que de um deserto; nem as naus, nem baluartes  
são coisa alguma se vazios, sem ninguém.

### ÉDIPO

Ah! Filhos meus, merecedores de piedade!  
75 Sei os motivos que vos fazem vir aqui;  
vossos anseios não me são desconhecidos.  
Sei bem que todos vós sofreis mas vos afirmo  
que o sofrimento vosso não supera o meu.  
Sofre cada um de vós somente a própria dor;  
80 minha alma todavia chora ao mesmo tempo  
pela cidade, por mim mesmo e por vós todos.  
Não me fazeis portanto levantar agora  
como se eu estivesse entregue ao suave sono.  
Muito ao contrário, digo-vos que na verdade  
85 já derramei sentidas, copiosas lágrimas.  
Meu pensamento errou por rumos tortuosos.  
Veio-me à mente apenas uma solução,  
que logo pus em prática: mandei Creonte,  
filho de Meneceu, irmão de minha esposa,  
90 ao santuário pítico do augusto Febo  
para indagar do deus o que me cumpre agora  
fazer para salvar de novo esta cidade.  
E quando conto os muitos dias transcorridos  
desde a partida dele, sinto-me inquieto  
95 com essa demora estranha, demasiado longa.  
Mas, quando ele voltar, eu não serei então

um homem de verdade se não fizer tudo  
que o deus ditar por intermédio de Creonte.

*Os anciãos do CORO, que se haviam agrupado em volta de ÉDIPO enquanto ele falava, fazem um gesto indicando alguém que se aproxima.*

**SACERDOTE**

100 Sim, vejo que falaste a tempo; neste instante  
apontam-me Creonte; ei-lo de volta, enfim.

*Entra Creonte, apressado, coroadado de bagas de loureiro, com aspecto alegre.*

**ÉDIPO**

Traga-nos ele, deus Apolo, a salvação  
resplandecente como seu próprio semblante!

**SACERDOTE**

Ele parece alegre; as bagas de loureiro  
em forma de coroa são um bom sinal.

**ÉDIPO**

105 Ele já pode ouvir-nos; logo o escutaremos.

*Dirigindo-se a CREONTE.*

Filho de Meneceu, príncipe, meu cunhado,  
transmite-nos depressa o que te disse o deus!